

## RIO DE JANEIRO: qual é a sua cidade?<sup>1</sup>

### RIO DE JANEIRO: *what is your city?*

Alexandre Honig Gonçalves<sup>2</sup>

Edima Aranha-Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é proporcionar ao leitor o exame das observações e das reflexões dos autores a partir de uma aproximação das diferentes práxis da cidade foco; tendo, por base, o aporte teórico-metodológico apreciado e discutido ao longo do semestre letivo em sala de aula na disciplina: Espaço urbano e as multiterritorialidades na cidade. A exemplo disso, citamos o modo vivo e dinâmico as alterações e a dramática evolução do meio natural ao meio técnico-científico-informacional. Para tanto, o método utilizado nesta ação foi observacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia; Território; Paisagem; Cidade; Segregação.

**ABSTRACT:** *The proposal of this article is provide to reader an examination of observations and reflections of authors from a different approximation about the praxis of focus city; based on the theoretical and methodological appreciated and discussed along the semester in the discipline: urban space and territoriality in town. As an example, we cite the so alive and dynamic changes and the dramatic evolution of the natural environment to the technical-scientific-informational urban landscape. Therefore, the method used in this action was observation.*

**KEY-WORDS:** *Geography; Territory; Landscape; City; Segregation.*

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Artigo resultante do trabalho de campo da disciplina: Espaço urbano e as multiterritorialidades na cidade.

<sup>2</sup> Internacionalista. Discente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campus de Três Lagoas (PPGEO/UFMS/CPTL). alexandrehoniggoncalves@gmail.com.

<sup>3</sup> Geógrafa. Professora Doutora e Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campus de Três Lagoas (PPGEO/UFMS/CPTL). edimaranha@gmail.com.

Este relatório visa delinear as observações e impressões obtidas a partir do trabalho de campo da disciplina: Espaço urbano e as multiterritorialidades na cidade do mestrado em Geografia da UFMS/CPTL, na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo da empreita fora proporcionar aos discentes da disciplina supracitada uma aproximação as diferentes *práxis* da cidade foco; tendo, por base, o aporte teórico-metodológico apreciado e discutido ao longo do semestre letivo em sala de aula. As ações de campo ocorreram entre os dias 29 de maio e 01 de junho de 2013.

Por conseguinte, ao transcorrer deste breve e intenso trabalho de campo, visitamos distintos bairros da mesma cidade a fim de examinar e compreender as diferentes temporalidades impressas na produção do espaço e seus desdobramentos, observando ainda a sobreposição dos atributos contextuais (características físicas do ambiente, mesmo o construído) e composicionais (predicados sociais e culturais) - tal qual fizera Gambim (2007) -, diferentes centralidades, vias e fluxos, materialização social e as multiterritorialidades que tracejam o espaço urbano, frente à magnitude das diferenças que compõe o mesmo ambiente.

A exemplo disso, citamos a fúria dos diferentes modos de apropriação e uso do solo desta capital através da observação das especificidades arquitetônicas e urbanísticas que transcendem ao tempo, permanecendo inalteradas de seu formato original, coexistindo em todo seu esplendor e glória, mas por vezes, também, de modo depreciado e abandonado, ao largo de composições contemporâneas, episódio que expõe de modo vivo e dinâmico as alterações e a dramática evolução do meio natural

ao meio técnico-científico-informacional. Tal arquétipo desta biografia pode ser presenciado por meio desta citação:

*“Expansão marítima portuguesa e administração colonial. Escravidão, movimento abolicionista e imigração. Povos indígenas e política indigenista. Guerras, contestações, rebeliões, movimentos sociais e religiosos. Censura e repressão às lutas políticas no Brasil e na América do Sul. Artistas e intelectuais. Cartografia. Evolução urbana, arquitetura e urbanismo”.* (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA; ARQUIVO NACIONAL, 2013).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o desígnio de fomentar e facilitar o acesso ao arcabouço teórico que se aplica às diversas questões relativas às especificidades das cidades brasileiras e mundiais, a base deste trabalho de campo iniciou-se pela realização de seminários e discussões em sala de aula. Estes ocorreram ao longo do semestre, haja vista que a ementa da disciplina Espaço urbano e as múltiplas territorialidades na cidade contempla temas referentes ao espaço e o poder no processo de produção do território, múltiplas territorialidades na cidade, agentes e instrumentos do ordenamento territorial urbano, além dos territórios e as redes urbanas na globalização.

Para além dos debates discentes realizados durante o semestre, houve ainda intervenções, reflexões e explanações realizadas pela professora Dra. Edima Aranha Silva (PPGEO UFMS/CPTL), que compartilhou com os mestrandos um pouco de sua

ampla experiência acadêmica na pesquisa sobre os temas pertinentes aos aglomerados urbanos nacionais e internacionais. Ainda, esta professora fora responsável pela seleção dos locais a serem visitados, sua ordem e relevância diante do conteúdo programático. Por conseguinte, a fim de promover uma observação pautada nos desígnios da construção histórica e geográfica do Rio de Janeiro, nos ciceroneou pelo roteiro o professor Dr. João Baptista Ferreira de Mello (NeghaRIO UERJ). Essa estratégia obteve grande importância no sentido de instigar aos discentes o aprofundamento de seus métodos de análise e aplicação conceitual, refletindo acerca das distintas realidades encontradas pelo caminho.

Durante toda visita, os professores respondiam aos questionamentos dos alunos, a fim de balizá-los em suas considerações e perspectivas geográficas. Contudo, além dos dados e das informações repassados por eles, ao longo das observações também foram perpetrados registros fotográficos, de áudio e vídeo, além das notas reservadas de cada discente que puderam perceber detalhes e nuances ditas e outras não proferidas pelos guias, auxiliando na formação coletiva da perspectiva e compreensão do lugar para além da paisagem.

Ainda, uma ação de grande valia para edificação dos saberes relativos a este trabalho, foram os grupos de discussão que se formaram espontaneamente, alavancando de modo sinérgico noções, expectativas e perspectivas distintas acerca do mesmo elemento de exame, acrescentando conteúdos sociais, antropológicos, filosóficos, políticos, etc., ao debate corrente.

Por fim, cabe destacar que o método observacional se fundamenta em procedimentos de natureza sinestésica, como fruto do processo em que se empenha o pesquisador no mundo dos fenômenos empíricos, é a busca deliberada, levada a efeito com cautela e predeterminação, em contraste com as percepções do senso comum (FACHIN, 2006).

## PRIMEIRO DIA

No trajeto entre a cidade de Três Lagoas em Mato Grosso do Sul e a capital do estado do Rio de Janeiro foi possível perceber, a partir da paisagem, que há diferenciações significativas na organização espacial das atividades humanas em função das potencialidades e especificidades geográficas dos biomas característicos do território brasileiro. Por conseguinte, fora possível concatenar, materializar e visualizar teorias e conceitos, tais como expostas e pensadas pelos saudosos: Milton Santos e Aziz Ab`Saber, em suas respectivas obras: A natureza do espaço e Domínios da natureza no Brasil - potencialidades paisagísticas. Ou seja, mesmo não sendo o foco desta atividade, foi possível verificar as transformações e as zonas de transição entre os biomas do Cerrado e a dos Mares de Morros da Mata Atlântica.

Grande parte do percurso fora percorrido em terreno paulista, onde é crível a diferença de usos e ocupação do solo em relação ao Mato Grosso do Sul, a origem desta expedição. Em São Paulo é possível observar ao incremento tecnológico

empregado nas atividades agroindustriais destinadas à exportação, outra ampla diferença é a formação dos aglomerados urbanos, que se multiplicam, alterando diuturnamente as dinâmicas socioambientais do estado, com destaque para maior metrópole latino-americana, a cidade de São Paulo.

Estas constatações prévias a chegada ao destino do estudo de campo já foram importantes para que pudéssemos perceber e compreender como as alterações que ocorrem por conta do ímpeto humano em prol de seu crescimento e desenvolvimento custam aos recursos naturais, muitas vezes, sem que exista sequer um esboço de planejamento ambiental por parte do Estado, iniciativa privada ou sociedade, exemplo disso são as diversas construções irregulares sob e sobre as bandas de rolagem das rodovias, que se apropriam de espaços públicos, tanto em função da falta de opção da população marginal, quanto pela ânsia da maximização do lucro privado.

Adicionalmente, chegando à região metropolitana do Rio de Janeiro se tornou nítido o estabelecimento de largas vias de integração rodoviária entre o interior e a capital, entre as áreas de produção e manufatura e seu centro consumidor e exportador - através dos portos instalados na costa. No entorno das estradas é possível verificar a intensa presença de grandes centros logísticos e de transbordo, centros comerciais, e toda sorte de infraestrutura de apoio à rodagem, tais como concessionárias de veículos pesados, oficinas, postos de combustível, armazéns, etc., além de centros de integração modal, que aglutinam e desembaraçam produtos através de ferrovias, rodovias, hidrovias, aeroportos e dutos.

Ao adentrarmos aos domínios da cidade se tornam visíveis as condições de conflitos sociais entre o centro e a periferia, logo de início é possível observar a formação marginal de comunidades extremamente carentes, sem acesso mínimo a equipamentos públicos relativos saúde, educação, saneamento básico, pavimentação, segurança, ou mesmo, ordenamento territorial simples, como o estabelecimento de ruas e lotes. Em contrapartida, contíguo a este cenário, se instalam bairros de classe média em bairros verticalizados, arborizados, com alças de acesso rodoviário exclusivos para seu trânsito, além do acesso efetivo aos aprovisionamentos de utilidade pública que garantem cidadania a este estrato social, além disso, há presença maciça da iniciativa privada que reforça ainda mais os padrões de qualidade de vida das populações mais abastadas - o que reforça a edificação e percepção de barreiras sociais simbólicas, refletidas por meio dos diferentes tipos de formação de bairros, assim como as possíveis formas de segregação socioespacial.

Ao percorrermos caminhos mais centrais em busca de nossa base de apoio, as singularidades da cidade carioca foram se tornando ainda mais extraordinárias, uma vez que, ao final da tarde - pré-feriado -, os pontos de estrangulamento das vias, diminuíram a velocidade, mas concentraram ainda mais o fluxo, intensificando ao mesmo tempo a concentração de pessoas e mercadorias que buscavam seu ponto final, de modo tórrido, frenético e agressivo.

Ultrapassada a barreira do trânsito de veículos, chegamos ao nosso destino, o Bairro da Lapa, no centro da cidade. Logo no início dos trabalhos de campo eram

perceptíveis os sinais de tofofobia daqueles que desembarcavam pela primeira vez nesta cidade, advindos de realidades culturais, históricas e sociais totalmente diferentes do cenário que se apresentava até então caótico. Após breve passeio por algumas ruas de intenso trânsito de pessoas e veículos é possível observar trocas comerciais formais e informais de modo muito particular. Todavia, as vias para pedestres são tomadas por objetos privados - mesas, cadeiras, carroças de frutas, bancas de revistas, vendedores ambulantes -, que se estabelecem como barreiras físicas a circulação e acessibilidade dos transeuntes, além da grande quantidade de resíduos sólidos acondicionados inadequadamente, ou, simplesmente, espalhados ao largo das sarjetas e passeios públicos, causando odores e desmoralizando a estética do lugar (Foto 01). No entanto, fato que chama atenção especial, é o aceite da população residente no local a esta condição negativa. Sem muito esforço, é possível assistir a bares e restaurantes colocando suas mesas e cadeiras nas calçadas e nas ruas, literalmente, ao lado de grandes montes de sacos de lixo, por vezes abertos, sem que a população e os consumidores deixassem de frequentar este local por conta desta condição. Até então, nada do que fora observado condiz com as expectativas do grupo em encontrar um ambiente de sofisticação e *glamour*, tal qual descrito previamente até mesmo em revistas sites de internet especializados em turismo nacional e internacional - assemelhar-se a uma boa estratégia astuciosa para fascínio de excursionistas desavisados.

Após muitas dúvidas e receios, no período noturno, seguimos do bairro da Lapa pela Avenida Presidente Vargas até a Igreja da Candelária, na Praça Pio X, por conseguinte adentramos ao Centro Cultural Banco do Brasil, onde conferimos brevemente algumas exposições e a magnitude luxuosa da arquitetura de um prédio colonial (Foto 02), posteriormente seguimos em passeata pela Rua Visconde de Itaboraí, passando a frente da Fundação Casa Brasil-França, Centro Cultural dos Correios, Escola de Cinema Darcy Ribeiro, Ministério das Comunicações do Rio de Janeiro, Igreja Santa Cruz dos Militares, onde ingressamos as vielas do Ouvidor e do Comércio, para em seguida chegar ao Paço Imperial (Foto 03), Palácio Tiradentes, Igreja São José, seguindo pela Avenida Presidente Antônio Carlos, até o Ministério da Fazenda, Tribunal Regional do Trabalho, pela Rua Santa Luzia até a Avenida Rio Branco, seguindo de frente ao Centro Cultural da Justiça Federal, Biblioteca Nacional, Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Câmara Municipal do Rio de Janeiro, Cinelândia e, por fim, restaurante Amarelinho. Cabe evidenciar a admirável iluminação noturna empregada nos prédios e monumentos históricos do centro da cidade.

Neste momento de imersão pelo centro da cidade foi possível observar e compreender as diferentes temporalidades impressas na organização e na produção do espaço urbano e seus desdobramentos, uma vez que vários edifícios da região são datados dos anos 1800 e trazem em sua arquitetura nítidos traços europeus - por vezes desconexos com a realidade local (Foto 04). Fato que chama atenção são os ícones e a simbologia impregnados nas edificações, denotando que para além de suas forma e

função táteis, congregavam igualmente papéis alegóricos de demarcação e conquista de espaços políticos, religiosos e econômicos específicos, demarcando áreas de conflitos e antagonismos sociais expressos pelos interesses dos agentes produtores desse espaço ao longo do tempo. Contemporaneamente, estes imóveis históricos compartilham o espaço com obras de topo-reabilitação<sup>4</sup> e infraestruturas de mobilidade urbana, que refuncionalizam o lugar para novas e nobres funções capitalistas (Foto 05). Cabe lembrar que ainda não estamos fazendo alusões aos impactos das obras em função dos mega eventos que serão realizados na cidade, as ações supracitadas fazem parte de programas governamentais que buscam criar espaços adequados ao ritmo de crescimento e desenvolvimento da cidade e suas funções características.

Este não é o “meu Rio de Janeiro”.

---

<sup>4</sup> “resgate, reabilitação ou restauração de lugares, paisagens e conjuntos ambientais”. Para o autor, através das ações de topo-reabilitação seriam neutralizadas ou superadas as forças topocídicas, a fim de alcançar a melhoria da qualidade de vida dos homens, manutenção de sua memória coletiva ou individual e preservação de suas de sua identidade cultural e seus valores (AMORIM FILHO, 1996, 142).



Foto 01: Resíduos sólidos nas calçadas.



Foto 02: Arquitetura colonial: Centro Cultural Banco do Brasil.



Foto 03: Paço Imperial.



Foto 04: Arquitetura europeia



Foto 05: Topo-reabilitação.

## SEGUNDO DIA

Sob condições de tempo inesperadas a quem segue ao Rio de Janeiro pela primeira vez (frio e chuvoso), no período matutino o grupo seguiu novamente até a Igreja da Candelária a fim de adentrar ao templo, observar e registrar todo esplendor desta construção (Foto 06). Adicionalmente, mesmo sendo um dia após o feriado de Corpus Christi era visível o adensamento no tráfego de veículos e pessoas pelas ruas e avenidas que percorremos; aparente também o crescente movimento comercial nas lojas e *shoppings centers* da região.

A posteriori, obtivemos a oportunidade de seguir até um dos maiores ícones da cultura popular brasileira, a Passarela do Samba Professor Darcy Ribeiro, ou, o Sambódromo da cidade do Rio de Janeiro conhecido mundialmente como Sambódromo da Sapucay. Que mesmo vazio, suscita a quem o visita grandes emoções, diante de sua grandeza e representação simbólica aos brasileiros e aos estrangeiros que visitam a cidade para um dos períodos mais esperados do ano: o Carnaval. Difícil aos presentes não se recordar das imagens dos desfiles apoteóticos que são assistidos e compreendidos no mundo todo, como forma de expressão da sociedade brasileira. Evidentemente, este é um estereótipo fundamentado e reforçado pela ação dos grandes veículos de mídia, que buscam estabelecer clichês sócio-antropológicos para homogeneização da cultura nacional. Não obstante ao fato, de qualquer modo, faz parte do sincretismo multicultural e multiétnico da nação brasileira (Foto 07).

Adiante, mais uma parada que agita os sentimentos daqueles entusiasmados por futebol, o Estádio do Maracanã e o complexo poliesportivo do Maracanãzinho, que

surpreendem pela altivez de suas infraestruturas e, também, pelas forma e conteúdo histórico e característico que aglutinam em si. Circunstância que merece ênfase foram as obras de revitalização do estádio para que possam receber, de acordo com normas internacionais, os jogos a serem disputados em grandes eventos como a Copa das Confederações da FIFA (ainda em 2013) e a Copa do Mundo da FIFA Brasil (em 2014). Todavia, é preciso salientar também que havia muitas empreiteiras e maquinário pesado empregados nos últimos retoques de acabamento da obra, a apenas um dia da realização do jogo amistoso entre as seleções de futebol do Brasil e da Inglaterra, que marcou a reinauguração deste campo esportivo. Inclusive, a realização da partida fora garantida através da concessão de liminares judiciais, mobilizadas pela prefeitura da cidade e governo do estado do Rio de Janeiro, junto ao poder judiciário, ou seja, o Estado se mantém presente e forte, empreendendo formas de garantir os interesses dos grupos a qual representa ativamente.

Nesse sentido cabe dizer que são inúmeras e imponentes as obras de revitalização e refuncionalização do espaço que incidem simultaneamente na cidade, buscando ajustá-la às demandas e especificidades dos grandes eventos internacionais a ocorrerem em tempo breve. Logicamente que o legado proporcionado pela permanência destas infraestruturas é positivo a população local no que diz respeito a melhorias nas condições de mobilidade urbana, qualidade de vida e eficiência nas futuras operações turísticas, comerciais e industriais que utilizaram ativamente estes equipamentos públicos. Evidentemente, há argumentos contrários sobre este cenário

que têm grande valia nesta esfera de discussão, uma vez que também é possível notar a destruição e de edificações e estruturas históricas, sem que sejam tomados os devidos cuidados na busca pelo resgate arqueológico do mesmo. Puramente, vão sendo criados novos espaços híbridos que sejam amistosos à estética contemporânea vigente e, aos olhos daqueles que irão usufruir primeiramente de todo este investimento governamental, relegando o desejo, a biografia e a identidade dos locais a um plano secundário. Prontamente, é possível perceber e compreender o por quê de pichações, grafites e camisetas com os dizeres: “Rio pra quem?” (Foto 08).

Diante das especificidades na geografia física do território da cidade do Rio de Janeiro é possível compreender o imperativo e a fúria com que, ao longo do tempo, novos espaços foram sendo cunhados e conquistados para que o cotidiano do carioca se desenvolvesse plenamente (Foto 09), pois, ao seguirmos da Lapa, através de largas bandas de rodagem, como a Avenida das Nações, até a Barra da Tijuca, passando por lugares como: aterro do Flamengo, Marina da Glória, Botafogo, Leme, Copacabana, Ipanema, morro do Vidigal e Leblon e, por bucólicos bairros como Tijuca e Urca, é possível se atentar não apenas a dinâmica de segregação socioeconômica que existe nestes espaços, mas também nas ações sinérgicas que se materializam entre os extratos sociais que convivem - mesmo que forçosamente -, no mesmo ambiente, delimitando e caracterizando as áreas de convívio e as diferentes centralidades de atuação e presença do Estado, da população e da iniciativa privada.

Especificamente sobre o bairro da Urca é preciso indicar que o traçado das ruas, a arborização, a arquitetura das edificações e o *design* dos empreendimentos instalados no local, remetem ao observador não apenas ao passado - diante da naturalidade na conservação e asseio com as vias públicas e fachadas -, mas também denotam outra característica desta cidade que segue imersa na insanidade da grande metrópole: a paz e a tranquilidade.

Mesmo que a cidade foca apresente incontestáveis problemas e antagonismos no estabelecimento de sua dinâmica sócio-espacial, acerca das praias e da orla de Leme, Copacabana, Ipanema e Leblon, é presumível dissertar maravilhas, perante a sua exímia confluência de fatores positivos, tais como: beleza cênica da paisagem, organização e gestão ativos do território pelo Estado, arquitetura de diversas temporalidades em harmonia, não sobreposição de funções territoriais. A este espaço é possível denominar como: Cidade Maravilhosa (Foto 10).

Mais uma vez de volta ao bairro da Lapa (Foto 11), seguimos pelas ruas no período noturno para, enfim, observar, registrar e analisar a heterogeneidade, o sincretismo e o diferencial da cultura do local na receptividade e conveniência aos diversos tipos de público que frequentam o lugar. Logo em princípio, é possível notar que as pessoas que passam a circular pelas ruas do bairro e as empresas que se abrem a visitação são díspares daqueles que funcionam no horário comercial tradicional. Iluminações especiais nas fachadas dos prédios - antes vistos como degradados -, música, gastronomia diversificada, e um sem número de alternativas de

lazer, transfiguram a região, tornando-a um ponto focal para o exercício do ócio e do hedonismo. Há boêmio de todas as classes, tipos, sexos e nacionalidade, convivendo - e buscando conviver - harmoniosamente sob os signos da mitologia desta região da cidade, onde as festas podem surgir espontaneamente sob os Arcos da Lapa, numa profusão de sons de sambistas da comunidade, bandas locais, nacionais e internacionais - deste e muitos outros ritmos musicais -, que somam e dividem as atenções de quem passeia pelos caminhos e praças da cercania. Além disso, é possível verificar a coexistência de atividades similares a consumidores inteiramente dessemelhantes, uma vez que no mesmo logradouro, haverá bares, restaurantes e casas de shows temáticas, com decoração e funcionários caracterizados e uniformizados e, logo ao lado, estabelecimentos - por vezes precários e informais - mas, de igual papel, atendendo consumidores menos abastados, mas que gozam do mesmo sentimento de pertença ao badalado lugar.

Outro ponto a ser destacado é o comparecimento de turistas nacionais e estrangeiros, que buscam vivenciar os aspectos únicos da Lapa, congregando um agrupamento efêmero, onde aparentes contendas sociais, étnicas e sexuais são relegadas em prol da felicidade - mesmo que momentânea (Foto 12).

Neste abreviado tempo de observação, fora razoável notar até mesmo os movimentos pendulares coletivos da massa de gente ao longo do espaço restrito. De modo geral, as pessoas chegam até a Lapa e buscam os *happy hours* nos bares e restaurantes em que possam se alimentar devidamente, com o decorrer da noite, este

vão se esvaindo e, outros botequins e casas noturnas mais ao centro do bairro e próximos aos famosos Arcos e, igualmente, na Rua do Lavradio, vão se enchendo e, passo a passo, vias e calçadas vão sendo tomadas por festeiros que desfrutam de modo exclusivo, ou, coletivamente, desde os mais tradicionais e eruditos sons do samba de raiz, até as músicas mais populares, como as eletrônicas e o *funk* carioca. Ao ocaso da noite, é possível perceber o retorno da multidão as ruas mais periféricas, onde podem deleitar-se com sofisticados restaurantes, mas, também, com barracas de comidas triviais populares, sem nenhum luxo, mas com um grande valor àqueles que buscam aplacar a fome de madrugada (Fotos 13 e 14).

Todavia, este ainda não é o “meu Rio de Janeiro”.



Foto 06: Interior Igreja da Candelária.



Foto 08: “Rio pra quem?”.



**Foto 07:** Sambódromo.



**Foto 09:** Primeiro cais da cidade, hoje à 600m do mar.



**Foto 10:** Vista das praias de Leme e Copacabana.



**Foto 11:** Arcos da Lapa.



**Foto 12:** Locais e estrangeiros em roda de samba sob os Arcos da Lapa.



Foto 13: Rua do Lavradio.



Foto 14: Praça Cardeal Câmara.

### TERCEIRO DIA

Por fim, um dia ensolarado, onde o contorno dos artefatos e das paisagens natural e urbana ganham mais cor, vida e proeminência, aonde a população local conjuga seus espaços comuns com gente do mundo inteiro, que atravessam longas distâncias para desfrutar de superlativa singularidade (Foto 15). Nas praças e passeios públicos é possível visualizar indivíduos e famílias mais felizes e dissociados da formalidade, da pressa e do estresse que imperavam no lugar até a sexta-feira. São grupos de locais ou estrangeiros que vivenciam a cidade de um modo diferente, elevando a simpatia dos arredores, trazendo um movimento mais colorido, despojado e saudável à coletividade que procura seu espaço nas areias macias das praias e no mar ainda gélido, que caminham e andam de bicicleta nas calçadas ao redor das bacias, lagoas e na orla marítima, que tomam abrigo às sombras das árvores para degustar uma água de coco gelada, que disputam mesas e cadeiras de frente ao mar, para

apreciar petiscos e cervejas no convívio com os amigos e a família. É um ambiente amistoso, onde percorrem pessoas de todos os extratos sociais, idades, etnias e sexualidades, num convívio pacífico (Fotos 16 e 17).

Além disso, pudemos seguir até Niterói pela ponte entre esta a o Rio de Janeiro, que impressiona enquanto elemento da paisagem urbana e, igualmente, empolga pela dimensão e valor emblemático e estratégico desta para o crescimento, desenvolvimento e conexão das cidades (Foto 18). Ao lhe percorrer, pudemos observar não apenas a beleza cinematográfica das paisagens que compõe a região, mas, também, pudemos verificar a presença ativa das forças armadas do Brasil, com seus equipamentos bélicos estratégicos, como: helicópteros, navios de guerra e submarinos, além de algumas unidades produtivas e todo o completo portuário de ambas as cidades, que são de vital importância para a fluidez nos negócios internacionais e o equilíbrio da balança comercial do país. Adicionalmente, cabe destaque o fato de que mesmo com toda sua grande capacidade, os portos do Rio de Janeiro e Niterói não mais suportam adequadamente - de maneira eficiente -, toda demanda empregada sobre sua estrutura física e burocrática.

Ao chegar à Niterói a grata surpresa de avista e vivenciar uma cidade com ruas limpas e que, mesmo sem a presença ostensiva da polícia, transparecia segurança e altivez a seus moradores e aos turistas que circulam pelo princípio do Caminho Niemeyer, que leva até o Museu de Arte Contemporânea, de onde, mais uma vez, podemos contemplar o inexplicável cenário da cidade do Rio de Janeiro (Foto 19). Sob

a sombra de uma árvore, ao largo de uma calçada onde famílias perambulavam, alguns colegas do grupo expedicionário encontraram o “seu Rio de Janeiro”, ouvindo um samba de raiz a beira do mar de Niterói.

No período vespertino, seguimos como planejado até o Largo do Machado, esplanada onde devem ser adquiridos os ingressos de acesso ao Cristo Redentor e, onde, devem ser tomadas as vans que levam os turistas até o derradeiro monte do Corcovado. Aonde, após, pelo menos duas horas e meia de espera em uma fila que dava voltas, prosseguimos rumo ao tão aguardado marco. Ao chegar aos pés da escadaria uma única visão: tumulto e desordem. Durante a árdua subida já é possível ver por sobre as árvores e pessoas, a estatua do Cristo Redentor ainda de costas, fato que incita grupos de nacionais e estrangeiros, além de famílias inteiras - com crianças e idosos -, a continuar ascendendo à ladeira. Ao chegar ao topo, outra visão devastadora: mais tumulto e desordem (Foto 20). O espaço parece pequeno para tamanha ansiedade da multidão, que se espreme, se joga no chão, abre os braços e disputa palmo a palmo um lugar para que seu registro fotográfico beire a perfeição poética e a estética artística de um renomado artesão. Bolsas e mochilas se golpeando, tropeços, *flashes*, crianças chorando, estrangeiros falando idiomas inteligíveis, grupos religiosos, helicópteros voando baixo e, nesta Torre de Babel, encontrei - mesmo que por alguns instantes, mesmo que individualmente -, o “meu Rio de Janeiro”. Ao pôr do sol, próximo ao afamado Cristo Redentor da cidade maravilhosa do Rio de Janeiro, de onde é possível contemplar, sentir e viver toda a cidade, em sua plenitude e com suas

especificidades físicas e ambientais, históricas, sociais, econômicas, arquitetônicas, etc. Onde o vento frio, traz por alguns milésimos de segundo o silêncio e, onde é possível avistar a luz do sol e a noite se tocando, o pulsar das vias da cidade, as grandes avenidas lotadas, os edifícios e as comunidades nos morros se iluminando a fim de ganhar da escuridão, os cartões postais da cidade sob novos ângulos e pontos de vista - outra luz -, vividos por outras pessoas, pessoas diferentes umas das outras, com perspectivas diferentes sobre o mesmo lugar: a cidade. Neste momento, é possível compreender plenamente o porquê do encantamento que esta proporciona a artistas que a cantam e a declama em prosas e versos, à tanto tempo no Brasil e no mundo todo (Fotos 22, 23 e 24).



**Foto 15:** Vista do Pão de Açúcar.



**Foto 16:** Praia de Copacabana.



**Foto 17:** Calçadão de Copacabana.



Foto 18: Ponte Rio-Niterói.



Foto 19: Museu de Arte Contemporânea de Niterói.



Foto 20: Tumulto e desordem ao pé do Cristo Redentor.



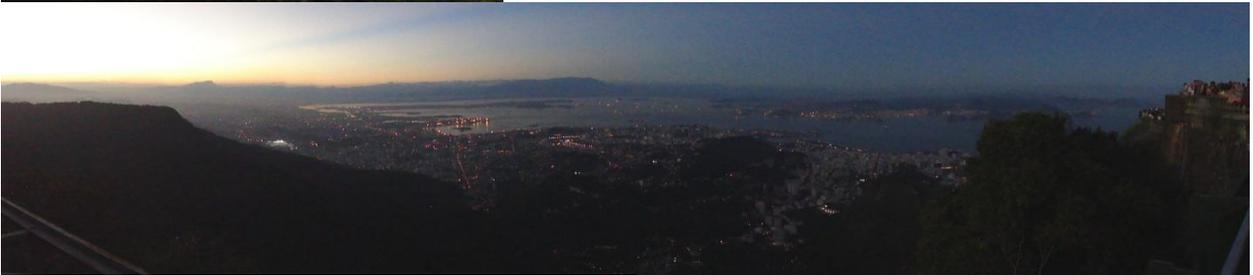
Foto 21: Pôr do sol no Corcovado.



Foto 22: Vista do Corcovado, o "meu Rio de Janeiro".



**Foto 23:** Vista do Corcovado, o “meu Rio de Janeiro”.



**Foto 24:** Vista do Corcovado, o “meu Rio de Janeiro”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a forma como este trabalho de campo foi conduzido atendeu satisfatoriamente aos objetivos planejados ao mesmo. Possibilitando aos discentes da disciplina Espaço urbano e as multiterritorialidades na cidade ampliar e aprofundar sua visão geográfica, observando e percebendo como as especificidades do município visitado se distendem dinamicamente através de suas grandes diversidades e contradições, tornando-o singular e superlativo. Exemplos distintos foram descritos neste relatório. Constituíram distintos elementos os que aparecem na paisagem urbana,

mas que somente puderam ser compreendidos em sua totalidade por meio da leitura, análise e discussão aprofundada, obtidos ao decorrer da disciplina.

Nesse sentido foi possível compreender e vivenciar, mesmo que brevemente, as indicações feitas por Raffestin (1993, 158-159) acerca dos processos inerentes a formação dos territórios e seus incrementos sobre as relações sociais:

“É um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os Homens vivem, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por meio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivas, todas são relações de poder, visto que há interação entre atores que buscam modificar, tanto as relações com a natureza como as relações sociais”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM FILHO, O. B. Topofilia, topofobia e topocídio em Minas Gerais. In: RIO, V.; OLIVEIRA, L. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Stúdio Nobel, 1996.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 5ª Edição. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

GAMBIM, P. S. **A influência de atributos espaciais na interação entre grupos heterogêneos em ambientes residenciais**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

